

**Em busca do significado da desinformação**  
*In search of the meaning of misinformation*  
 por [Marta Macedo Kerr Pinheiro](#) e [Vladimir de Paula Brito](#)

**Resumo:** O conceito de desinformação tem sido recorrente na literatura da área de Ciência da Informação, bem como no restante mídia de maneira mais ampla. A princípio somos levados a concluir que esta temática dispensa maiores debates, pois o senso comum apresenta aparente conformidade quanto ao sentido desta citada palavra. Todavia, ao contrário da visão predominante, diversas são as interpretações correntes, em que prima a ausência de um consenso na definição comum do termo, bem como quanto as contradições existentes quanto a este. Sob esta lógica, o presente texto busca indicar a necessidade de se aprofundar o debate sobre o conceito de desinformação, bem como suas múltiplas interpretações a partir da literatura corrente. Identifica o emprego do conceito de desinformação como ruído ou ausência de informação, como instrumento de alienação coletiva e dominação, e como meio de logro, ou engano arquitetado para alguém. Mais do que um debate de cunho semântico, a incompreensão do que seja desinformação apresenta consequências para indivíduos ou sistemas no tocante a adequada interpretação da própria informação.

**Palavras Chave:** Desinformação; decepção; *disinformation*; *misinformation*; ausência informacional; ruído informacional.

**Abstract:** The text seeks to indicate the need to further debate the concept of disinformation and its multiple interpretations from the current literature. Discusses the lack of a consensus on a common definition of the term, as well as the contradictions. Identifies the use of the concept of noise as misinformation or absence of information as an instrument of collective alienation and domination, and as a means of deception or mistake architected for someone.

**Keywords:** Disinformation; deception; misinformation; informational absence; informational noise.

### Introdução

Muito tem sido pesquisado sobre a qualidade da informação e o atendimento das necessidades do usuário. Temas como revocação e precisão são correntes nas pautas de estudos nacionais sobre as necessidades informacionais dos usuários. Todavia, pouco esforço tem sido empreendido no sentido de uma melhor compreensão dos “*fenômenos negativos da informação*”, como seria o caso da desinformação.

Ao se analisar a literatura sobre esta temática no Brasil, percebe-se que o seu emprego é relativamente limitado se comparado a outros países como os Estados Unidos. Entre as instigantes questões apontadas por [Nehmy e Paim](#) (1998) no tocante à qualidade da informação, a ausência de debates sobre o que seja desinformação é apontada como um importante déficit: “*Um desses desafios seria o de se considerar o lado negativo da informação. Conforme lembra [Menou](#) (1993, 1995.a), tem-se realçado o papel positivo da informação e sua contribuição para o esclarecimento das pessoas. Mas isso, complementa, seria mais devido à crença, por parte dos especialistas em informação, de que a informação e os sistemas de informação sejam relevantes para a tomada de decisão e a solução de problemas, não existindo, no entanto, evidências concretas (avaliações sistemáticas e quantitativas) sobre sua efetiva contribuição, soando mais como uma afirmação de caráter ideológico. [Capurro](#) (1992), concordando com [Schader](#) (1986), afirma que, no domínio da ciência da informação, a preocupação com a forma negativa, a desinformação e seus derivados (mentiras, propaganda, má interpretação, ilusão, erro, decepção... é escassa na literatura. A predominância da ideia de excelência nos discursos sobre a qualidade e noções correlatas impedem que se trate do lado negativo da informação. Embora não esteja explicitado pelos autores, as noções utilizadas pressupõem a existência de uma escala de gradação que contém em si um polo negativo (maior ou menor qualidade, eficácia, relevância ou impacto). Mas o lado efetivamente negativo da informação – o erro, a desinformação... – não é abarcado por definições desse tipo, porque são outros fenômenos, cuja apreensão não passa por uma questão de grau, mas pela mudança no olhar*” ([Nehmy; Paim](#), 1998, p. 43).

A relevância desta necessária mudança de olhar significaria tentar entender todo o espectro informacional, indo de suas dimensões positivas às gradações negativas, onde estaria situada a desinformação. Quando, outrossim, “*a ciência da informação deve considerar a informação e a desinformação como objetos complementares de estudo da “ciência da informação”*” ([Matheus](#), 2005, p. 156). Desta forma, ao desconhecer o que seja desinformação bem como as consequências da informação as destas sobre os usuários, a ciência da informação brasileira fragilizou a própria capacidade de identificar o que seja de fato informação. Em redes digitais repletas de dados, verdade e mentira se justapõem e se modificam a cada momento, logo, *dialetizá-las* é fundamental. Assim, mais do que localizar a desinformação, cabe construir sua definição, uma vez que é imprecisa, com variados trabalhos acadêmicos empregando sentidos diversos. No decorrer desta revisão literária foram identificados três conjuntos de significados para este termo que serão analisados a seguir:

### Ausência de informação

Na literatura científica brasileira, bem como na grande imprensa, predomina amplamente a associação do termo desinformação com o estado de ignorância ou de ausência de informação. É o caso da definição dada pelo dicionário Michaelis como sendo o “*estado de uma pessoa ou grupo de pessoas não informadas ou mal informadas a respeito de determinada coisa*”<sup>1</sup>. Neste olhar, o sujeito encontra-se em determinada situação de precariedade informacional devido a sua própria ignorância sobre determinado tema. Desinformação significaria ausência de cultura ou de competência informacional, impossibilitando que o usuário localize por si mesmo a informação que necessita, não chegando, portanto, as suas próprias conclusões. No campo da ciência da informação esta concepção é amplamente reforçada por diversos autores ([Nehmy; Paim](#), 1998; [Aquino](#), 2007) que ao longo das duas últimas décadas associaram esta temática ao nível cognitivo do sujeito e sua carga de conhecimentos gerais.

No debate sobre globalização e informação, em particular suas consequências perversas como a “marginalização informacional” e a ausência de acesso a informação, [Aquino](#) (2007) relaciona o conceito de desinformação “aos ruídos e redundâncias”: “*No Brasil, as múltiplas interações que os sujeitos mantêm com o mundo e com os outros sujeitos mostram que eles estão, quase sempre, submetidos à desinformação ou pouca informação. Morin (1995) ilustra muito bem essa questão da “subinformação”, quando diz que percebe, nas interações dos*

sujeitos, algumas zonas de sombra informacional que produzem ruídos e redundâncias e operam para que não se saiba o que acontece em determinados lugares” (Aquino, 2007, p. 12).

Nesta leitura os sujeitos submetidos à desinformação, estariam, na verdade, tendo acesso à subinformação, ou seja, a informação parcial, ou incompleta. Também fica o entendimento que “o ruído e a redundância” estariam associados ao termo. Todavia, esta leitura não é uma ocorrência isolada. Compondo os estudos sobre o fenômeno da globalização, o debate sobre a sociedade da informação e suas contradições também é permeado pela vinculação da desinformação com um sentido de competência informacional, senão com a própria amplitude cultural do sujeito. “Compreende-se, assim, que ao lado da sociedade da informação, figura uma outra de maior proporção que é a sociedade da desinformação, do analfabetismo tecnológico, dos excluídos do acesso aos diferentes bens culturais, cuja competência profissional está em situar-se entre ambas, procurando buscar a superação da segunda em relação à primeira, a fim de que num futuro próximo o hiato entre ambas deixe de existir” (Castro; Ribeiro, 2004, p. 46).

Nesta forma de pensar a sociedade seria dividida entre informados e desinformados, estando dentre estes últimos um rol de “excluídos do acesso a bens informacionais” e tecnológicos. Sob o manto da desinformação abrigar-se-iam milhões de desassistidos sociais de todas as formas. Esta também é a visão de Belluzzo (2005, p. 37), quando argumenta que “a desinformação nessa era é talvez a razão da existência de muitos problemas sociais, uma vez que atinge o ser humano em sua maior propriedade: a racionalidade”. Assim, associada à capacidade analítica do indivíduo, para o autor, seria comprometida também sua habilidade de se inserir socialmente. Corroborando esta tese a visão de Passos e Santos (2005, p. 12), para quem “a falta de qualificação e a desinformação, bem como a falta de continuidade na formação profissional de qualquer cidadão, são fortes argumentos para decretarmos a exclusão do indivíduo do mercado de trabalho e, conseqüentemente, levá-lo à exclusão social” (Passos e Santos, 2005, p. 12). Desta forma, estar desinformado seria o mesmo que estar desprovido de informações, o que comprometeria a própria sobrevivência em um ambiente dito informacional. Também no debate sobre a competência informacional se detecta a compreensão de desinformação como informação inadequada. Steinbach e Blattmann (2006, p. 243), por exemplo, recomendam quanto ao processo formativo do profissional da área, em que “saber recuperar a informação com precisão, evitar a desinformação ou até mesmo a sobrecarga informacional são requisitos indispensáveis para desenvolver habilidades e competências na formação de bibliotecários”.

O filósofo da informação Luciano Floridi (1996, 2012) ao indagar se as superinforvias da informação, na verdade, não seriam vias da desinformação, também tem uma visão similar sobre o tema. Para ele a gestão da informação em seu “estágio epistêmico” provocaria a desinformação involuntária, em que se teriam “falta de objetividade, completude e pluralismo”, ao que a informação ao passar do produtor para o receptor correria o risco de ser “mutilada” (1996, p. 512). Nesta abordagem a ausência de informação se daria pela dificuldade da mudança do paradigma tecno-informacional. Às vezes o próprio aparato produtor de informações perderia dados no percurso e conexões das redes que provocariam ruídos, contradições e dificuldades no entendimento. Contudo, a abordagem de Floridi (1996, 2012) é bem mais abrangente. Desinformação seria um grande guarda chuva conceitual que abarcaria também a informação direcionada e o ato de enganar propositalmente. Ambos os temas serão tratados nos próximos tópicos.

Informação manipulada

Outro entendimento bastante presente sobre desinformação se relaciona ao fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural, cuja consequência direta seria a “imbecilização” de setores sociais. Nesta concepção do conceito, setores da elite desinformariam amplamente de maneira a se perpetuarem no poder, concretizando mais facilmente seus próprios interesses. Destarte: “O poder, como bem diria Foucault, se esgueira pelas beiradas, busca não ser percebido para influir tanto mais, procura a obediência do outro sem que este a perceba, inventa privilégio que a vítima pensa ser mérito, usa o melhor conhecimento para imbecilizar. Não seria diferente com a informação: desinformar pode ser seu projeto principal. Não se trata apenas de nos entupir com informação de tal forma que já não a saibamos manejar, mas sobretudo de usá-la para seu oposto, no sentido mais preciso de cultivo da ignorância” (Demo, 2000, p. 37).

No entendimento de Demo (2000), enquanto a população assiste novelas televisivas, lê romances baratos ou revistas sensacionalistas, as grandes questões que nos permeiam passariam despercebidas, sem a compreensão ou o acompanhamento dos maiores interessados, a própria população. Para o autor, nem as revoluções tecnológicas onde se presume estarem situadas às redes digitais, propiciariam a libertação deste modelo desinformador, em que “a habilidade inovadora do conhecimento não é menor quando motivada por projetos colonizadores” (Demo, 2000, p. 39). Aliás, presume-se que seu olhar avalie modelos informacionais como os da sociedade da informação com um papel oposto ao apregoado, em que as benesses estariam mescladas com a informação cujo propósito é de desinformar. De tal modo que seria “sempre possível, pois, usar o melhor conhecimento para construir o mais refinado processo de imbecilização. Desinformar será, portanto, parte fundamental do processo de informação” (Demo, 2000, p. 39).

Seria também a visão de outros autores da área, para quem “a emergência de um novo tipo de sociedade faz surgir, também, em contrapartida, a sociedade da desinformação, uma sociedade perversa na qual os donos do poder são os donos dos meios de comunicação e as desigualdades são cada vez mais acentuadas” (Rodrigues; Simão; Andrade, p. 89, 2003). Em certo sentido redes como a Internet capilarizariam a propagação da informação de baixo valor cultural ou utilidade, ao que denominam desinformação. Percebe-se que este olhar identifica a “sociedade da desinformação” como algo recém instituído, associado a este “novo tipo de sociedade”. Em síntese, sob esta óptica desinformação consistiria em um grande conjunto de informações disponibilizadas cotidianamente, mas que não supririam o indivíduo com conhecimento necessário para participar do processo político e tomar as decisões necessárias ao progresso de sua própria vida e de seus semelhantes. Mais do que acaso, estas desinformações seriam o fruto de um projeto de dominação política e ideológica, em que tanto as redes digitais, quanto veículos de comunicação tradicionais seriam empregados para difundir prioritariamente tudo àquilo que confunde e desarma.

**Engano proposital**

Esta forma de avaliar o conceito remonta ao ano de 1939 (Merriam-Webster, 2013), possivelmente relacionada aos regimes totalitários então em moda na Europa. Nesta abordagem desinformação é considerada uma ação proposital para desinformar alguém, de maneira a enganar-lo. Assim, o aspecto subjetivo da ação, a aspiração de enganar outrem é parte determinante do conceito. Não existe desinformação sem o propósito do desinformador, bem como o objeto da ação, o desinformado. Embora esta acepção predomine sobre as anteriores na literatura científica anglosaxã, o mesmo não se dá no Brasil, uma vez que esta interpretação não foi encontrada na literatura científica nacional. Curiosamente, foi tão somente em um artigo em jornal de grande circulação que encontramos uma definição aproximada do tema, em que desinformação está associada ao ato de enganar propositalmente. *“A maior parte das nossas classes letradas não sabe sequer o que é desinformação. Imagina que é apenas informação falsa para fins gerais de propaganda. Ignora por completo que se trata de ações perfeitamente calculadas em vista de um fim, e que em noventa por cento dos casos esse fim não é influenciar as multidões, mas atingir alvos muito determinados – governantes, grandes empresários, comandos militares - para induzi-los a decisões estratégicas prejudiciais a seus próprios interesses e aos de seu país. A desinformação-propaganda lida apenas com dados políticos ao alcance do povo. A desinformação de alto nível falseia informações especializadas e técnicas de relevância incomparavelmente maior”* (Carvalho, 2001).

Na conceituação acima o autor claramente vincula o ato de desinformar ao objetivo planejado de enganar um adversário. Percebe-se, no entanto que, desinformação, decepção e operações psicológicas seriam o mesmo processo de acordo com sua acepção, mudando apenas a terminação de *“propaganda”* para *“alto nível”*. Na literatura estadunidense, por outro lado, parcelas significativas das definições sobre esta expressão estão relacionadas ao ato proposital de enganar. O dicionário Webster, por exemplo, define desinformação como *“informação falsa deliberadamente e, muitas vezes secretamente espalhada (como com o plantio de rumores), a fim de influenciar a opinião pública ou obscurecer a verdade”*<sup>2</sup> (Merriam-Webster, 2013). Dessa forma, compõe o conceito de maneira indissociável o elemento subjetivo relativo ao ato deliberado de induzir ao erro. Também envolve uma metodologia preferencial, a atuação secreta, em que o autor permanece desconhecido do alvo. Por fim, outro aspecto também de ordem subjetiva, o objetivo de influenciar a opinião de alguém mediante a deturpação da verdade. Bastante semelhante é a definição do dicionário Oxford, para quem desinformação é a *“informação falsa destinada a enganar, especialmente a propaganda emitida por uma organização governamental para uma potência rival ou para a mídia”*<sup>3</sup> (Oxford Dictionarie, 2013). Assim, também comporia o significado do termo o emprego deste recurso por parte dos governos no terreno das disputas internacionais. Igualmente se faz notar a prevalência no uso da mídia enquanto transmissor privilegiado das desinformações.

Interessante notar que na língua inglesa a palavra desinformação tem uma tradução mais ampla e complexa que na língua portuguesa, abarcando dois termos em sua definição que são delimitados pelo propósito de mentir, *disinformation* e *misinformation*. *“Misinformation* para denotar informações incorretas ou enganosas. *Disinformation* também são informações incorretas, mas ao contrário de *misinformation*, são falsidades conhecidas”<sup>4</sup> (Stahl, 2006, p. 86). Ou seja, em ambos os casos ter-se-iam informações falsas, mas sua diferença repousaria no desígnio de quem disponibilizou a informação. No caso de *misinformation* o autor não saberia que repassou inverdades, ao contrário de *disinformation*, em que a falsidade já seria de conhecimento do autor antes de veicular a informação em questão. Assim, *“Desinformar seria em consequência (através da manipulação de informações de forma voluntária, inequívoca e intencional), o resultado desejado de um processo que emprega truques específicos sejam semânticos, técnicos, psicológicos; para enganar, desinformar, influir, persuadir ou controlar um objecto, geralmente com a fim de obter benefícios próprios ou para outros”*<sup>5</sup> (Rodriguez, 2011, p.4).

Embora de cunho subjetivo, a diferença entre *misinformation* e *disinformation* tenderia a apontar para a maior sofisticação desta última. O emprego de “truques específicos” para enganar todo um público ou somente um indivíduo seria elaborado tendo em vista perfis em que a desinformação se encaixaria. Isto significa o estudo e compreensão do outro. Por outro lado, quando ocorre a *misinformation* prima um certo acaso entre o engano do produtor da mensagem e a subjetividade do receptor que concluiu como verdade a mensagem incorreta. Em que pese o amplo emprego na literatura científica estadunidense de *disinformation* e *misinformation* como informação falsa, também são percebidos questionamentos no campo da ciência da informação norteamericana sobre os poucos estudos visando um maior entendimento do tema. Considerando-se a relevância do conceito de informação inacurada sob o prisma tanto dos usuários, quanto dos estudiosos da temática informação, causaria espécie a carência de pesquisas, e da adequada compreensão do assunto. *“Informação inacurada, no campo da biblioteconomia e ciência da informação, é muitas vezes considerada como um problema que necessita ser corrigido ou simplesmente entendido como misinformation ou disinformation sem maior consideração. Misinformation ou disinformation, todavia, podem causar problemas significativos para os usuários em um contexto online, onde eles estão expostos constantemente a uma abundância de informação inacurada e/ou propositalmente errada”*<sup>6</sup> (Karlova; Lee, p. 1, 2011).

A própria diferença entre *misinformation* e *disinformation* alteraria significativamente o resultado de uma estratégia de busca de informações. Deparar-se com ruído informacional é bastante diferente do que ser exposto à desinformação voltada para o engano, em que quem desinforma conhece o alvo a ser desinformado e suas necessidades de conhecimentos. Ao comparar, por exemplo, a realidade profissional dos analistas dos serviços de inteligência com outros profissionais do conhecimento, percebe-se na prática esta diferença. Ao contrário dos membros dos serviços secretos, *“pesquisadores científicos e profissionais médicos não costumam ter de lidar com operações de decepção. Eles normalmente não têm um adversário que está tentando lhes negar conhecimento”*<sup>7</sup> (Clark, 2013, p. 180). Ser vítima do acaso é acentuadamente distante de ser objeto das maquinacões de outros indivíduos. Vale destacar que entende-se por decepção um conjunto de instrumentos tais como a negação de acesso a informação, o ruído informacional, a informação parcial e a própria desinformação, utilizados de maneira orquestrada com o objetivo de ludibriar um alvo (Dunnigan; Nofi, 2001; Godson; Wirtz, 2002; Whaley, 2007).

Tentando contribuir para o aprofundamento do assunto, e, por conseguinte, seguindo no debate sobre a diferenciação entre conceitos, *misinformation* pode ser inacurada, incerta – ao poder apresentar mais de uma possibilidade ou escolha, vaga, ambígua – aberta a múltiplas interpretações. Informação incompleta, todavia, também pode ser um meio proposital de enganar, sendo qualificada, portanto, como *disinformation* (Karlova; Fisher, 2013). Assim, embora *disinformation* possa compartilhar propriedades comuns com informação e com

misinformation, a intenção deliberada de enganar é o seu principal elemento diferenciador para com os demais conceitos conexos. Essa intencionalidade pode, inclusive, ser motivada por razões sociais, humanitárias, ou justificáveis perante a coletividade. A questão não é a malevolência envolvida na motivação, e sim o uso de desinformação visando iludir a percepção de outrem.

Aliás, justamente dentro da subjetividade envolvida na diferenciação dos conceitos de *misinformation para com disinformation*, pontua-se a questão da “benevolência” versus “malevolência” enquanto aspecto diferenciador entre os termos. Percebe-se, no entanto, que esta abordagem é relativamente limitada, uma vez que a intencionalidade pode ser a de ajudar o alvo da desinformação, porém empregando inverdades propositalmente. Tal qual uma festa surpresa de aniversário. Por outro lado, como dito acima, a questão chave não é o resultado desejado ao desinformar e sim a consciência de o estar almejando. Afora isso, outro questionamento seria o de que a subjetividade do autor não é na maioria das vezes de domínio dos demais atores envolvidos. Este desconhecimento dificultaria sobremaneira a caracterização do tipo de (*des*)informação em questão, sobretudo em ambientes operacionais (Karlova; Lee, 2011, p. 4). De fato, caracterizar *disinformation* não é das tarefas mais fáceis, por isso mesmo as pessoas e coletividades são vitimadas por este recurso. Questionar as dificuldades de precisar desinformação não justificaria o abandono da ação/ pretensão de outro ator em enganar, antes pelo contrário (Shulsky, 2002). O desconhecimento não pode justificar a inexistência, assim como o sol não para de iluminar sendo centro ou periferia do sistema. Cabe sim a construção de indicadores de qualidade da informação de maneira a detectar mais facilmente este tipo de mecanismo (Daniel; Herbig, 1982; Grabo, 2004; Bennett; Waltz, 2007).

Ao tentar precisar as similaridades e diferenças entre conceitos tão imbricados quanto estes, Karlova e Fisher (2013, online) propõem a formulação do enunciado, em que: “*desde que misinformation pode ser falsa, e que disinformation pode ser verdadeira, misinformation e disinformation devem ser distintas, ainda que iguais, subcategorias da informação*”<sup>8</sup>. Os autores propõem a tabela abaixo, em que informação, misinformation e disinformation são analisadas sobre o prisma das categorias: verdade, completude, corrente, informativa e “*deceptiva*”. Desta forma, para Karlova e Fisher (2013) informação necessariamente deve ser verdadeira, corrente e informativa. Pode ser completa, ou não, dependendo do contexto e do tempo, e não poder ser “*deceptiva*”, ou seja, com a finalidade de enganar o receptor desta. Misinformation deve ser informativa, pode ou não ser verdadeira, completa e corrente, de acordo com o contexto, e não pode ser “*deceptiva*”. Por fim, disinformation pode ou não ser verdadeira, completa e corrente, devendo ser informativa, e, fundamentalmente, com o propósito de enganar. Embora exista a pretensão do engano, quem emite/opera a disinformation não tem a garantia de que sua pretensão se realize, e o alvo da ação seja de fato desinformado. Paradoxalmente, conforme variações de contexto e tempo pode-se até mesmo ter a pretensão de enganar, mas em realidade informar. Se o ambiente ao redor do dado produzido se modifica radicalmente, seja no tocante as relações sociais ou eventos temporais, o que era desinformação poderia se transformar abruptamente em informação acurada (Karlova; Lee, 2011, p. 8). Um evento que ocorre, inesperadamente, depois do previsto, em que ter-se-ia desinformado de antemão um eventual participante sobre um horário tardio seria um exemplo deste tipo de circunstância. A aleatoriedade ao mudar o fator tempo, transformou *disinformation* em informação.

Prosseguindo no espectro subjetivo do debate sobre o que seja desinformação, e a intencionalidade associada a esta, também existe a abordagem de que até mesmo o ruído pode ser desinformação, uma vez que seja proposital. Neste olhar, informações que não agregam valor ou conhecimento, e que são disponibilizadas em fluxo ininterrupto, como ação calculada para aturdir e diluir a capacidade de processamento de um alvo em questão gerando sobrecarga cognitiva, também seriam definidas como desinformação. “*Sob essas premissas, é importante, então, abordar o conceito de desinformação como aquela que abrange não só os atos volitivos e inequívocos da manipulação da mídia e omissão intencional, mas a própria escotomização receptiva, já que estará tão desinformado aquele que receba um conjunto de mensagens alteradas em sua própria natureza, tal como aqueles que pelo próprio efeito da supersaturação de mensagens no ecossistema comunicativo não estão informados ou estão pouco informados*”<sup>9</sup> (Rodríguez, 2012, p. 53). Nesta perspectiva as definições de desinformação enquanto cultura geral e informação manipulada abordadas nos tópicos anteriores também seriam consideradas desinformação, desde que estivessem vinculadas a um alvo em questão a ser enganado, e de forma proposital. Não obstante, existem diversos autores estadunidenses e britânicos que consideram a superexposição à informação como um instrumento de negação de informação, e que comporia na verdade um subcampo das operações de decepção, transcendendo a mera definição de desinformação em si mesma (Bennett; Waltz, 2007; Holt, 2004; Clarke, 2013).

### Considerações finais

O conceito desinformação traz subjacente uma amplitude de significados e de utilização diversas. Como percebemos, é empregado para definir a ausência de informação e o ruído informacional, ao mesmo tempo em que faz às vezes de dar sentido a informação manipulada para as amplas massas com o papel de manter sua alienação. Mas também é aplicado, sobretudo na ciência da informação, norte americana, para definir a informação manipulada com o propósito de enganar alguém, especialmente um adversário. Esta definição traria em si uma dimensão mais profunda que as demais, pois significaria que um ator interviria para distorcer a percepção de realidade do alvo de sua ação com vistas a se beneficiar de seu logro. Enfrentar um indivíduo ou aparato de Estado agindo para ludibriar representaria um acentuado grau de complexidade, se comparado com o encontro casual com dados corrompidos, ou mesmo a ignorância cultural.

Como um debate inicial, mais importante do que extrair sentido ao que seja afinal desinformação, faz-se importante construir ao menos um entendimento comum, já que a miríade de interpretações atuais, por si só, ironicamente, desinformam. À Ciência da Informação, em particular, cabe à compreensão de que a informação em sua “*dimensão negativa*” também deve ser pesquisada. Como garantir precisão e revocação em conteúdos elaborados com o intuito justamente de desinformar? Como atender as necessidades do usuário por informação adequada, em um contexto em que informações são fabricadas para enganar? E em um ambiente de massas? São estas e outras muitas perguntas que ao conseguirmos, com consenso, definir desinformação, poderemos responder.

### Notas:

[1] Disponível em: [http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/desinformar%20\\_943304.html](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/desinformar%20_943304.html)

[2] False information deliberately and often covertly spread (as by the planting of rumors) in order to influence public opinion or obscure the truth. Tradução livre.

- [3] False information which is intended to mislead, especially propaganda issued by a government organization to a rival power or the media. Tradução livre.
- [4] Misinformation to denote wrong or misleading information. Disinformation is also wrong information but unlike misinformation, it is a known falsehood. Tradução livre.
- [5] Desinformar sería en consecuencia (mediante la manipulación informativa voluntaria, inequívoca y dolosa), el resultado deseado de un proceso que emplea trucos específicos ya sean semánticos, técnicos, psicológicos; para engañar, mal informar, influir, persuadir o controlar un objeto, generalmente con el objetivo de obtener beneficios propios o ajenos. Tradução livre.
- [6] Inaccurate information, in the field of library and information science, is often regarded as a problem that needs to be corrected or simply understood as either misinformation or disinformation without further consideration. Misinformation and disinformation, however, may cause significant problems for users in online environments, where they are constantly exposed to an abundance of inaccurate and/or misleading information. Tradução livre.
- [7] Scientific researchers and medical professionals do not routinely have to deal with deception. They typically do not have an opponent who is trying to deny them knowledge. Tradução livre.
- [8] Since misinformation may be false, and since disinformation may be true, misinformation and disinformation must be distinct, yet equal, sub-categories of information. Tradução livre.
- [9] Bajo estas premisas, es importante entonces retomar el concepto de desinformación como aquel

## Referências Bibliográficas

- Aquino, Mirian de Albuquerque. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. In: Ci. Inf. vol.36 no.3 Brasília Sept./Dec. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652007000300002>>. Acesso em: 23/01/2014.
- Belluzzo, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005.
- Benett, Michael; Waltz, Edward. Couterdeception principles and applications for national security. Boston, London: Artech House, 2007.
- Carvalho, Olavo de. O que é desinformação. Rio de Janeiro: O globo. 17 de Março de 2001. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/desinf.htm>>. Acesso em: 01/10/2012.
- Castro, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. In: Transinformação, v. 9, n. 1, p. 17-25, janeiro/abril, 1997.
- Castro, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. In: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun.. 2004.
- Clark, Robert M.. Intelligence analysis: a target-centric approach. Los Angeles, et al: Sage, 2013.
- Clarke, Dudley. Some notes on the organization of deception (1944). In: The art and science of military deception. Boston; Londres: Artech House, 2013, p. 161-165.
- Daniel, Donald C; Herbig, Katherine. Propositions on military deception. In: Military deception and strategic surprise. Nova York: Routledge, 1982.
- Demo, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. In: Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.
- Dunnigan, James F.; NOFI, Albert A.. Victory and deceit: deception and trickery at war. San Jose, et al: Writers Club Press, 2001.
- Floridi, Luciano. Brave.Net.World: the Internet as a disinformation superhighway? In: Oxford, The Electronic Library, v.14, n. 6, pp.509 – 514, 1996. Disponível em: <<http://www.philosophyofinformation.net/publications/pdf/bnw.pdf>>.
- Floridi, Luciano. Steps Forward in the Philosophy of Information. In: Ética Política / Ethics Politics. Trieste: Universidade de Trieste, Departamento de Filosofia. v. 14, 2012, p.304-310. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/235223197\\_Steps\\_Forward\\_in\\_the\\_Philosophy\\_of\\_Information](http://www.researchgate.net/publication/235223197_Steps_Forward_in_the_Philosophy_of_Information)> .
- Grabo, Cynthia M. Anticipating surprise: analysis for strategic warning. New York, et al:University Press of America, 2004.
- Godson, Roy; Wirtz, James J. Strategic denial and deception. In: Strategic denial and deception. New Brunswick, Londres: Transaction publishers, 2002.
- Holt, Thaddeus. The deceivers: allied military deception in the Second World War. New York: Scribner, 2004.
- Karlova, N.A.; Lee, Jin Ha. Notes from the Underground City of Disinformation: A Conceptual Investigation. In: ASIST, Nova Orleans, EUA. Outubro, 2011. Disponível em:<[http://www.asis.org/asist2011/proceedings/submissions/133\\_FINAL\\_SUBMISSION.pdf](http://www.asis.org/asist2011/proceedings/submissions/133_FINAL_SUBMISSION.pdf)>. Acesso em: 06/07/2013.
- Karlova, N.A.; Fisher, K.E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behavior. In: Information Research, v.18, n.1. paper 573, 2013. Disponível em: <<http://InformationR.net/ir/18-1/paper573.html>>. Acesso em: 06/07/2013.
- Matheus, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. In: Perspect. ciênc. inf., Belo Horizonte, v.10 n.2, p.140-165, jul./dez. 2005.
- Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/disinformation>>. Acesso em: 10/07/2013.
- NEHMY, Rosa Maria Quadros; PAIM, Isis. A desconstrução do conceito de “qualidade da informação”. In: Ci. Inf., Brasília, v. 27, n. 1, p. 36-45, jan./abr. 1998. Oxford Dictionarie. Disponível em:<<http://oxforddictionaries.com/definition/english/disinformation?q=disinformation>>. Acesso em: 10/07/2013.
- Passos, Rosemary; Santos, Gildenir Carolino. Em tempos de globalização e mudança: a identificação da cidadania na sociedade de informação. Transinformação, Campinas, v. 17, n. 1, p. 7-16, jan./abr. 2005.
- Rodrigues, Georgete Medleg; Simão, João Batista; Andrade, Patrícia Simas de. Sociedade da Informação no Brasil e em Portugal: um panorama dos Livros Verdes. In: Ci. Inf., Brasília, v. 32, n. 3, p. 89-102, set./dez. 2003.
- Rodríguez, Luis Miguel Romero. La Desinformación en la Nueva Aldea Global. In: Estudios venezolanos de comunicación. Centro Gumilla, N° 159-160 (Extraordinario), p.52-55. Terceiro e quarto trimestre de 2012. Disponível em:<[http://academia.edu/2087057/La\\_Desinformacion\\_en\\_la\\_Nueva\\_Aldea\\_Global](http://academia.edu/2087057/La_Desinformacion_en_la_Nueva_Aldea_Global)>. Acesso em: 03/07/2013.
- Rodríguez, Luis Miguel Romero. La manipulación informativa y la desinformación: la anomia de los receptores y el fomento de las víctimas propiciatorias. Universidad de Almería – Facultad de Humanidades, Máster en Comunicación Social, 2011. Disponível em: <[http://academia.edu/1200126/La\\_manipulacion\\_informativa\\_y\\_la\\_desinformacion\\_La\\_anomia\\_de\\_los\\_receptores\\_y\\_el\\_fomento\\_de\\_victimas\\_propiciatorias](http://academia.edu/1200126/La_manipulacion_informativa_y_la_desinformacion_La_anomia_de_los_receptores_y_el_fomento_de_victimas_propiciatorias)>. Acesso em: 03/07/2013.
- Shulsky, Abram. Elements of strategic denial and deception. In: Strategic denial and deception. New Brunswick, Londres: Transaction publishers, 2002.
- Stahl, Bernd Carsten. On the Difference or Equality of Information, Misinformation, and Disinformation: A Critical Research Perspective. In: Informing Science Journal. Leicester, UK, v. 9, 2006. Disponível em: <<http://inform.nu/Articles/V6I9/v9p083-096Stah165.pdf>>. Acesso em: 06/07/2013.

Steinbach, Vanessa; BLATTMANN, Ursula. Mapeamento de índices e indicadores: experiência didática. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 243-256, jan./jul. 2006.

Whaley, Barton. Stratagem: deception and surprise in war. Boston, Londres: Artech House, 2007.

**Sobre os autores / About the Author:**

[1] Marta Macedo Kerr Pinheiro, [2] Vladimir de Paula Brito

Email de referência: [martakerr@gmail.com](mailto:martakerr@gmail.com)

[1] M[1]Marta Macedo Kerr Pinheiro, Graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutorado em Ciência da Informação, IBICT/CNPq-ECO-UFRJ e doutorado em Sociologie, Centre d'Études des Mouvements Sociaux. [2]Vladimir , de Paula Brito, Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é doutorando em Ciência da Informação pela UFMG.